

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Patrícia Machado Vieira

**“EU JÁ LI TANTOS QUE NEM LEMBRO!”:
REFLEXÕES ACERCA DE PRÁTICAS DE LEITURA DE CRIANÇAS
QUE FREQUENTAM A 4ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Porto Alegre
2. Semestre
2010

Patrícia Machado Vieira

**“EU JÁ LI TANTOS QUE NEM LEMBRO!”:
REFLEXÕES ACERCA DE PRÁTICAS DE LEITURA DE CRIANÇAS
QUE FREQUENTAM A 4ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial e obrigatório para aprovação na Disciplina EDU02069 e conclusão do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Maria Stephanou

Porto Alegre
2. Semestre
2010

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar aos meus pais, por todo apoio, incentivo e a base que me possibilitou cursar a graduação com qualidade e dedicação. A minha mãe, que não pode estar comigo até o fim dessa caminhada, mas que foi grande incentivadora das minhas opções. E ao meu pai, que foi companheiro de todos os momentos e com quem pude e posso contar sempre.

À professora Maria Stephanou, minha querida orientadora, neste trabalho e em tantos outros momentos da trajetória acadêmica. Agradeço pelo carinho, paciência e conhecimentos partilhados, pelo cuidado constante comigo e pela leitura e escuta sempre atentas, na orientação desse trabalho de conclusão de curso.

As muitas pessoas especiais que encontrei no mundo acadêmico, que deixaram de ser apenas colegas ou professores, mas foram também grandes amigos/as que de alguma forma contribuíram na minha formação. Em especial alguns que não posso deixar de citar: Luciana Piccoli, Laís Pellegrini, Catharina Silveira, Carolina Monteiro, Larissa Carvalho e Márcio Amaral.

Às crianças que prontamente se dispuseram a responder aos questionários e às entrevistas propostas nessa pesquisa, me possibilitando análises tão ricas e reflexões muito importantes e às professoras que abriram as portas de suas salas de aula para mim.

Por fim, a todos os que não estiveram diretamente ligados a minha caminhada acadêmica, mas que também contribuíram nesse período de formação, compartilhando vivências, experiências e aprendizagens do mundo e da vida. Especialmente aos companheiros de trabalho pastoral, que marcaram fortemente a minha constituição como educadora.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul objetiva analisar práticas de leitura de crianças de 9 a 11 anos que freqüentam a 4ª série do Ensino Fundamental. Interessa-se pelas leituras não-escolares, que não são demandadas ou mediadas pela escola, mas que integram as atividades de tempo livre dessas crianças. Busca compreender as motivações e os aspectos que despertam o desejo de leitura. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, tendo gerado dados empíricos a partir da aplicação de questionários semi-estruturados e realização de entrevistas compreensivas. As reflexões acerca das práticas de leitura fundamentam-se nos postulados da História Cultural, especialmente autores que examinam a história da cultura escrita que concebem a leitura como prática cultural, múltipla e histórica, variável com o contexto, o tempo e o espaço (social ou físico). Dentre os principais autores, destaco Roger Chartier e Daniel Pennac. Através de revisão bibliográfica e análise de dados empíricos constatou-se que as crianças entrevistadas empreendem diferentes leituras, em diferentes suportes e interagem com diferentes textos, apropriados por elas sem o controle ou mediação da escola. O estudo evidencia uma dissintonia entre as falas das crianças e as falas de professores e gestores escolares, que afirmam que os estudantes não lêem, não são leitores, o que é, no mínimo, questionável considerando o que dizem os entrevistados.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas de leitura. Leitores. História Cultural.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	6
2 PERCURSOS INVESTIGATIVOS, CAMINHOS DE APROXIMAÇÃO	11
2.1 QUESTIONÁRIOS: UM BREVE MAPEAMENTO	11
2.2 ENTREVISTAS: A BUSCA PELOS DETALHES	14
3 PRÁTICAS DE LEITURA: O QUE FOI REGISTRADO NOS QUESTIONÁRIOS .	17
3.1 AFINAL, GOSTAM DE LER?	17
3.2 O QUE SE LÊ QUANDO NÃO SE ESTÁ NA ESCOLA.....	19
3.3 AS LEITURAS ESCOLHIDAS	24
4 APROXIMANDO O OLHAR: AS ENTREVISTAS	28
4.1 “EU JÁ LI TANTOS QUE NEM LEMBRO”	28
4.2 “MINHA MÃE LEU E DISSE QUE ERA BOM, DAI EU LI”	31
4.3 “ÀS VEZES GOSTO DE LER LIVROS, MAS EU PREFIRO REVISTAS”	33
4.4 “EU ESTOU LENDO UM, ELE ESTÁ NA MINHA MOCHILA.”	35
5 ALINHAVOS: PARA SEGUIR PENSANDO	39
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	43
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO	44

1 APRESENTAÇÃO

Porque se quisermos que [...] os jovens leiam, é urgente lhes conceder os direitos que proporcionamos a nós mesmos.
(Daniel Pennac, 2008, p. 126)

O trabalho realizado constitui requisito obrigatório do oitavo semestre do Curso de Pedagogia e foi formulado a partir do meu interesse como professora leitora, interessada em entender os mecanismos envolvidos no despertar do desejo de leitura em seus alunos. Observadora, constatei em minha prática como estagiária docente, que tal desejo independe da obrigatoriedade das leituras escolares, estando assim mais relacionado com o que podemos denominar de gosto pelo ato de ler.

Aproximar-se das práticas de leitura que integram a vida cotidiana de crianças de 9 a 11 anos, que frequentam a quarta série¹ do Ensino Fundamental em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, é a motivação principal do estudo aqui apresentado.

Durante a trajetória acadêmica foi possível contatar com muitas teorias, métodos, ideias de pensadores ligados à educação. Entretanto, somente na experiência como bolsista de Iniciação Científica, com a Prof^a Dr^a Maria Stephanou, também orientadora deste trabalho de conclusão, que o termo *práticas de leitura* e a obra do historiador francês *Roger Chartier*, pensador da *História Cultural*, passaram a ser conhecidos. Os mesmos servem de embasamento teórico para o desenvolvimento do projeto de pesquisa² ao qual a bolsa se vincula.

Aliando a experiência de pesquisa como bolsista e a prática pedagógica do estágio curricular nos anos iniciais do Ensino Fundamental, um primeiro interesse de pesquisa voltou-se ao que poderíamos denominar como “apetites” de leitura de jovens. No entanto, na delimitação do tema, juntamente com minha orientadora, optamos por focar crianças de 9 a 11 anos. Dentre os motivos principais, o fato de

¹ Com o Plano Nacional de Educação, estabelecido na Lei 10.172/2001, surge a proposta de incluir mais um ano, para alfabetização, no Ensino Fundamental – passando de 8 para 9 anos – modificando assim, também a nomenclatura, de séries para anos. Assim, o Ensino Fundamental Inicial que ia da 1^a a 4^a séries, passa a ser compreendido entre o 1^o e o 5^o ano. Nesse processo a antiga 4^a série passa a ser denominada, 5^o ano.

² O projeto de pesquisa intitula-se “Educar a escrita: os sentidos da caligrafia na história da educação no Brasil (séculos XIX e XX)”, do qual faço parte como Bolsista de Iniciação Científica desde agosto de 2009.

o currículo do Curso de Pedagogia da UFRGS habilitar para a docência apenas até a quarta série do Ensino Fundamental³.

Outra delimitação do estudo relaciona-se ao âmbito em que as leituras aparecem nas experiências dessas crianças como leitoras. Interessa identificar e mapear leituras realizadas para além da escola, que não coincidam com as solicitações e mediações escolares. Leituras que muitas vezes não são legitimadas pela escola, por serem consideradas inferiores ou desqualificadas, como no caso das revistas de bancas ou da internet, onde leitura e escrita são requisitos para sua utilização e, no entanto, não consideradas suportes qualificados para empreender tais práticas.

É perceptível que, apesar dos discursos que circulam no senso comum de que crianças e jovens lêem cada vez menos, eles continuam lendo, e por vezes lêem muito. Diferentes leituras, diferentes suportes e diferentes textos são apropriados por esses sujeitos, sem que a escola tenha controle sobre isso. Em diversas situações, tais leituras não são mediadas pela escola e, de outra parte, a escola não manifesta interesse em incluir essas práticas de leitura na sistemática da sala de aula. Como sugere Roger Chartier (1998), “aqueles que são considerados não-leitores lêem, mas lêem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima” (p. 103 e 104).

A afirmação do autor leva a questionar: **quais são as práticas de leitura empreendidas pelas crianças que independem da escola? O que relatam sobre essas práticas (motivações, conteúdos, gêneros, suportes, apropriações)?**

A pesquisa, junto a crianças de 9 a 11 que freqüentam a quarta série do Ensino Fundamental, busca identificar algumas dessas práticas e compreender algumas de suas motivações, bem como as sociabilidades envolvidas nas práticas de leitura dessas crianças.

O campo teórico no qual esta pesquisa se insere é a História Cultural que, segundo Chartier (2004), entende a leitura como prática cultural que possibilita apropriações diferenciadas, de acordo com cada sujeito e o contexto de sua realização. As práticas são entendidas, neste trabalho, como culturais “já que traduzem em atos as maneiras plurais como os homens dão significação ao mundo que é o seu” (CHARTIER, 2004, p.18).

³ Que corresponde, atualmente, ao 5º ano do Ensino Fundamental de 9 anos.

Ler, neste contexto teórico é entendida como uma prática “[...] que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores dos livros” (CHARTIER, 1992, 214). Assim, não é simplesmente consumo cultural, mas por ser uma prática inventiva é também uma produção cultural (CERTEAU *apud* CHARTIER, 1998).

Outro aspecto relevante a ser pensado é que, contra os discursos apocalípticos que prevêem a breve morte do livro, Robert Darnton (2010) dá-nos um rastro de esperança ao afirmar que “apesar da atual crise econômica, em pouco tempo 1 milhão de novos livros serão publicados a cada ano” (p. 14). Mesmo com as novas tecnologias é pouco provável que o livro desapareça. Assim como o manuscrito sobreviveu a invenção de Gutenberg, a televisão não fez com que o rádio desaparecesse, a internet não tirou os expectores da televisão (DARNTON, 2010).

O presente trabalho constitui-se como uma pesquisa qualitativa, com a geração de dados empíricos a partir da aplicação de questionários com perguntas estruturadas e abertas, e entrevistas compreensivas com os sujeitos alunos que vieram a integrar o estudo.

Para a execução da pesquisa, elaborei um questionário (Apêndice A) que foi aplicado junto a crianças de 9 e 11 anos que freqüentam a quarta série do Ensino Fundamental de duas turmas, a saber: uma que integra escola da rede estadual de ensino e outra da rede federal, ambas localizadas na cidade de Porto Alegre. O questionário interroga sobre os gostos de leitura, revistas ou livros lidos recentemente e as leituras que estão sendo empreendidas no momento da resposta do mesmo. O objetivo não é apenas de mapeamento, mas a realização de um levantamento acerca dos gêneros e impressos de leitura preferidos e dos livros que estão em evidência entre esse público.

A partir dos questionários respondidos, selecionei duas crianças de cada turma, tendo o cuidado para que fossem um menino e uma menina. Levei em consideração, também, aquelas respostas que apontassem para práticas de leitura efetivas e que indicassem uma certa autonomia em relação às solicitações escolares. Sendo assim, os questionários foram um recurso de apoio para a identificação de sujeitos leitores e suas práticas de leitura. E foram úteis, também, como complemento das entrevistas, pois possibilitaram uma visão mais ampla das

práticas de leitura dessas crianças, ampliando, assim, os ângulos de observação (ZAGO, 2003).

As entrevistas realizadas foram pensadas a partir de três perguntas norteadoras, que iniciaram a conversa com as crianças e a partir das quais estabeleci um diálogo, afim de compreender aquilo que estava sendo dito. Optei então, por denominar estas entrevistas de compreensivas, pois como propõe Nadir Zago (2003), este tipo de entrevista tem por objetivo compreender não apenas a fala, mas o contexto social em que ela se dá, permitindo assim, a construção da entrevista durante sua execução. Sem o estabelecimento de uma estrutura rígida, pode-se direcionar a entrevista de acordo com o caminho que se deseja dar à investigação.

Ao tabular e interpretar os dados empíricos obtidos nos questionários e entrevistas levei em consideração que não se trata de dados absolutos. Procurei relativizar as respostas dadas, pelo fato de a pesquisa ter sido realizada no espaço da escola. E, principalmente na escola da rede estadual, levei em consideração o fato de eu ser vista pelas crianças entrevistadas como professora, pois me conheciam desde que realizei o estágio curricular junto ao terceiro ano do Ensino Fundamental da mesma escola. Isso precisa ser considerado, pois é provável que em algumas narrativas as crianças vislumbrassem a enunciação daquilo que é aceito pela escola, as respostas que são consideradas legítimas na experiência que têm em sua condição de alunos/alunas que travam uma conversação com uma professora. Mesmo assim, as respostas e conversas mostraram-se fecundas para reflexão do tema proposto e para atender à motivação inicial que me levou ao estudo.

No primeiro capítulo, descrevo o percurso metodológico percorrido e apresento os instrumentos de pesquisa utilizados na coleta de dados empíricos. Busco contextualizar o leitor quanto às cenas e retratos com os quais me deparei durante o desenvolvimento desta pesquisa. Levando em consideração o fato desses retratos terem sido significativos no desenvolvimento da pesquisa e das análises.

No segundo capítulo, apresento e analiso as respostas obtidas com os questionários colhidos junto a quarenta e sete crianças das duas turmas. Tendo por objetivo realizar um mapeamento das práticas de leitura nessas turmas e estabelecer possíveis relações de semelhança e diferença entre os dois contextos pesquisados.

No terceiro capítulo, a ênfase recai sobre as quatro entrevistas realizadas, apresentando cada uma das crianças com as quais foi possível conversar mais detidamente e a circunstância em que estas conversas aconteceram. Procuo estabelecer relações entre as respostas obtidas e traçar possíveis práticas de leitura que são comuns às crianças escutadas.

Por fim, são alinhavadas algumas reflexões, que não apresentam respostas e soluções, mas ao concluir este trabalho, apontam caminhos e novas possibilidades para outros exercícios de pensamento acerca das práticas de leitura das crianças, adolescentes e jovens, nativos tanto da escola contemporânea quanto do mundo das tecnologias.

2 PERCURSOS INVESTIGATIVOS, CAMINHOS DE APROXIMAÇÃO

No desenvolvimento da pesquisa, a partir dos estudos bibliográficos sobre o tema e do desejo de escutar, de saber, pelas escritas e de viva voz, o que lêem fora da escola as crianças entre 9 e 11 anos, desenvolvi dois instrumentos para coleta de dados empíricos. O primeiro instrumento desenvolvido e utilizado foi um questionário com algumas perguntas quanto as práticas de leitura, que não tivesse relação com as demandas escolares, empreendidas pelas crianças. O segundo instrumento pensado e aplicado foi o roteiro das entrevistas, com perguntas que procuravam aprofundar o entendimento sobre essas práticas de leitura. Através da articulação e complementação dos dados produzidos na utilização desses dois instrumentos, foi possível estabelecer com mais clareza aproximações e reflexões sobre as práticas das crianças.

2.1 QUESTIONÁRIOS: UM BREVE MAPEAMENTO

No primeiro momento da pesquisa empírica, que foi afinal o primeiro contato com as turmas pesquisadas, utilizei um questionário exploratório, que pudesse auxiliar-me à aproximação com as realidades das práticas de leitura.

O questionário (Apêndice A), foi composto da seguinte forma: a) oito questões, sendo duas objetivas, para as quais *sim* e *não* constituem possibilidades de resposta; b) três questões podem ser escolhidas alternativas oferecidas, ou mesmo contemplam a possibilidade de complementar com alternativas a serem escritas pelos próprios respondentes; c) três questões abertas, assegurando o preenchimento com respostas dissertativas, porém diretas.

As questões apresentadas foram:

1. *Você gosta de ler?*
2. *O que você costuma ler quando não está na escola?*
3. *Você gosta de ler livros ou revistas?*
4. *E qual tipo de leitura você mais gosta?*
5. *Alguém ajuda você a escolher esses livros ou revistas?*
6. *Quando você escolhe um livro, o que mais chama sua atenção?*
7. *Qual livro ou revista você mais gostou de ler?*
8. *Qual livro ou revista você está lendo agora?*

Levando em consideração que, segundo Roger Chartier (2002), nos impressos “as formas que permitem sua leitura [...] participam profundamente da construção de seus significados” (p. 62), cabe aqui descrever a materialidade do questionário: impresso em folha branca tamanho A4, formato retrato; possui uma ilustração inicial que convida a criança a responder as perguntas; escrito em linguagem simples, adequada à faixa etária; as oito perguntas organizadas em duas colunas; e, ao final, um agradecimento pela participação.

O questionário foi todo impresso em preto e branco, apesar de apresentar uma figura inicial de uma menina, com o objetivo de indicar que se tratava da pesquisadora conversando com a criança.

Ao optar por uma primeira aproximação através da distribuição de questionários para toda a turma, objetivei ter uma visão geral das práticas de leitura empreendidas e de quais gostos semelhantes ou divergentes poderia identificar entre as crianças. A utilização do questionário possibilitou, então, um mapeamento das turmas e a produção de tabelas com informações que subsidiaram a reflexão sobre as práticas.

Além disso, a partir dos questionários foi possível identificar e escolher as crianças a serem entrevistadas, buscando uma aproximação com suas experiências de leitura, de modo a traçar uma espécie de perfis de leitores.

* * *

O grupo de crianças que primeiro respondeu ao questionário compunha uma turma de quarta série, contando com 24 alunos, aqui denominada de Turma 1, de uma escola da rede estadual de ensino, localizada em região central de Porto Alegre. Em uma primeira mirada, o que chamou atenção foi a disposição das classes, em duplas, mas com diversas classes afastadas umas das outras, formando colunas secundárias. Os alunos são crianças que tranquilamente poderíamos dizer que ao chegarem em suas casas brincam com bonecas, carrinhos e vídeo games. As marcas corporais de uma juventude antecipada, ou melhor, uma possível juvenilização (SILVA, 2010) eram quase imperceptíveis. Apenas um brinco na orelha de um menino aqui, uma menina com unhas pintadas acolá. Em geral, não fosse pelo lugar de sujeito aluno que ocupam, poderia afirmar que estava diante de “simplesmente crianças”.

Distintamente, ao deparar-me com o segundo grupo de crianças, constatei de imediato tratar-se de um grupo de quase adolescentes, ou pré-adolescentes como se costuma falar entre professores (SILVA, 2010). A turma integra uma escola da rede federal de ensino, localizada em bairro distante do centro de Porto Alegre, composta por vinte e cinco alunos, dentre os quais a grande maioria apresenta uma forma de vestir-se e portar-se com atributos característicos das culturas juvenis contemporâneas. Denominei-a de Turma 2. Apesar da obrigatoriedade do uso de uniforme, encontrei um número significativo de crianças extremamente inseridas no contexto da moda. Com estilo colorido, calças *saruel*, muitas pulseiras e alguma maquiagem.

A aplicação dos questionários foi realizada em sala de aula, na presença da professora titular de cada turma. Na Turma 1, 22 crianças responderam ao questionário, entre elas 13 meninos e 9 meninas, no dia da aplicação do questionário duas crianças estavam ausentes. Na Turma 2, 25 crianças responderam ao questionário, sendo 18 meninos e 7 meninas. A amostragem, portanto, foi de 47 respostas.

A leitura dos questionários possibilitou verificar que não há grande diferença quanto à faixa etária média das duas turmas. A partir do levantamento das respostas obtive uma média de idade de 10,2 anos nas duas turmas, conforme ilustra a tabela abaixo.

Turma Idade	Turma 1	Turma 2	Total
9 anos	0	2	2
10 anos	17	14	31
11 anos	4	9	13
12 anos	1	0	1
<i>Média</i>	<i>10,3 anos</i>	<i>10,3 anos</i>	<i>10,3 anos</i>

Tabela 1 – Média de Faixa Etária.

A partir das informações da tabela acima é possível perceber a grande concentração de alunos com 10 anos de idade em ambas as turmas, resultando assim na média de idade obtida. Também é possível inferir um baixo nível de repetência entre as crianças pesquisadas, pois contemplam a faixa etária esperada para o nível de escolaridade em que se encontram. À exceção de uma criança com

doze anos, possivelmente repetente da quarta série ou de alguma outra série, constatei uma certa homogeneidade etária nas duas turmas.

Quanto à transgressão dos espaços destinados as respostas no questionário, apenas duas crianças o fizeram. Uma menina da Turma 1 que, na pergunta 3 – Você gosta de ler livros ou revistas? –, marcou a opção “Sim” e complementou ao lado com a expressão “os dois” (imagem 1). E um menino, da Turma 2, que ao final do questionário, onde há o meu agradecimento pela colaboração, respondeu “Não tem de que.” (imagem 2). Conforme imagens abaixo:



Imagem 1 – Recorte de um questionário da Turma 1

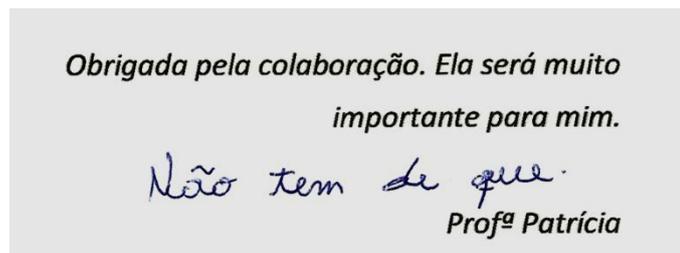


Imagem 2 – Recorte de um questionário da Turma 2

2.2 ENTREVISTAS: A BUSCA PELOS DETALHES

O segundo momento da pesquisa, após ler e tabular todos os questionários, foi a escolha de duas crianças de cada turma para que fossem entrevistados. Para tal escolha, foram levadas em consideração as respostas que apontavam para práticas de leitura efetivas, para além das tarefas escolares. Outro ponto considerado na escolha dos entrevistados foi a questão de gênero. Optei por selecionar um menino e uma menina de cada turma, levando em consideração as suas especificidades e possíveis diferenças de interesses, que enriqueceriam as análises desta pesquisa.

Antes de iniciar as entrevistas, distribuí os termos de consentimento informado às crianças a serem entrevistadas (Apêndice B). Somente após estes termos estarem assinados pelos pais ou responsáveis pelas crianças, é que iniciei

as entrevistas. Estas foram estruturadas, como apresentado anteriormente, na forma de entrevistas compreensivas (ZAGO, 2003), baseadas em três perguntas iniciais, que, quando necessário, foram desdobradas em várias outras. Com o objetivo de entender as práticas de leitura de crianças de 9 a 11 anos, as perguntas iniciais interrogaram:

1. *Que coisas têm na tua casa que dá para ler?*
2. *Que coisas tu mais gostas de ler quando não estás na escola?*
3. *Me fala um pouco sobre como tu escolhes as coisas que vais ler.*

Considerando o fato de as entrevistas terem sido realizadas no ambiente escolar e, possivelmente, por ter sido vista em uma posição de professora, procuro ter cautela nas análises. Lembro o importante apontamento do sociólogo Pierre Bourdieu em conversa com Roger Chartier (2001) sobre o que ele chama de efeito de legitimidade.

[...] desde que se pergunta a alguém o que ele lê, ele entende ‘o que é que eu leio que mereça ser declarado?’. Isto é: ‘o que é que eu leio de fato de literatura legítima?’. [...] E o que ele responde, não é o que escuta ou lê verdadeiramente, mas o que lhe parece legítimo naquilo que lhe aconteceu de ter lido ou ouvido. (BOURDIEU;CHARTIER, 2001, p. 236)

Assim, as respostas formuladas pelas crianças nas entrevistas não podem ser tomadas como coincidindo em absoluto com todas as suas práticas de leitura, muito embora tenham fornecido indícios importantes dessas práticas.

* * *

As entrevistas foram realizadas ao todo com quatro crianças, duas meninas e dois meninos, sendo um menino e uma menina de cada turma. A entrevista mais longa não durou mais do que 13 minutos, as demais ficaram em torno de 10 minutos cada, tendo sido realizada apenas uma entrevista com cada criança, que foi gravada e depois transcrita para análise. O único registro feito das entrevistas foi a gravação, pois durante a entrevista procurei não fazer nenhuma anotação.

Por questões de ética, neste estudo apresentarei as crianças apenas pela letra inicial de seus nomes.

Primeiramente realizei as entrevistas com as crianças da Turma 1, E. e F., nessa ordem. As duas entrevistas aconteceram em uma sala ao lado da sala de aula da Turma 1. E., uma menina, foi muito receptiva e respondeu procurando trazer

elementos que exemplificassem ou justificassem suas falas. Já F., um menino, demonstrou ser mais reservado e quieto, pois respondeu de maneira direta e breve as perguntas feitas. Após algumas insistências e tentativas minhas, ele abriu-se um pouco mais e trouxe representativas experiências de leitura.

As entrevistas com as crianças da Turma 2 foram feitas em seguida, primeiro com a menina C. e, por último, o menino R.. As duas entrevistas, assim como as da Turma 1, foram realizadas em dias diferentes, pelo esquecimento do termo de consentimento assinado por parte de uma das crianças. Aconteceram na biblioteca da escola, que fica ao lado do prédio onde é a sala de aula da turma. C. mostrou-se muito empolgada em participar da pesquisa e, apesar de tímida, esforçou-se em responder de maneira consistente. R. foi o entrevistado mais falante, que mais trouxe elementos além dos que eu solicitei. Para todas as suas respostas ele tinha algum exemplo ou explicação e, ao final de qualquer questionamento meu, ele prontamente esforçava-se em explicar suas respostas.

Pude perceber que dentre as três perguntas motivadoras, a que suscitou maiores desdobramentos e explicações foi a terceira – Me fala um pouco sobre como tu escolhes as coisas que vais ler. Em geral, nesse momento surgiam elementos das sociabilidades nas quais essas leituras estão inscritas, com quem contavam para auxiliar na escolha. Também se desdobrou em exemplos de livros lidos e de livros que se desejavam ler.

Todos esses elementos ficarão mais claros a seguir, onde apresento as reflexões acerca dos dados empíricos coletados. Além de tabelas com a tabulação dos questionários preenchidos, há excertos expressivos, destacados das falas das entrevistas.

3 PRÁTICAS DE LEITURA: O QUE FOI REGISTRADO NOS QUESTIONÁRIOS

*Enfim, ler não é improviso.
(Eliana Yunes, 2009, p.9)*

Nas sessões que seguem, apresento as reflexões e aproximações que fiz a partir dos questionários preenchidos pelas crianças. Optei por comentá-los a partir de três aspectos, a saber: o gosto pela leitura; o que lêem quando não estão na escola; o que elas apontam como motivações na escolha do que ler.

3.1 AFINAL, GOSTAM DE LER?

As crianças que responderam a pesquisa, todas entre 9 e menos de 13 anos, nasceram em um mundo inundado pela cultura escrita, pelos meios de comunicação e, principalmente, imersas em uma realidade digital. Ler, neste contexto, é parte do cotidiano, até mesmo dos iletrados, nas suas mais diversas possibilidades: deparar-se com a escrita em diferentes espaços e suportes, ver ler, ouvir ler, manusear materialidades do escrito, independentemente do domínio do código escrito. Antes mesmo do ingresso na escola, essas crianças provavelmente já haviam criado estratégias de decifração desse código.

No entanto, a escola, em geral, ao invés de valer-se e valorizar tais práticas das crianças de interação com o escrito e legitimá-las como forma de ingresso no mundo da leitura, parece rejeitá-las. Cria, assim, uma espécie de abismo entre a cultura escolar e as práticas culturais das crianças.

Portanto temos, de um lado, os ensinamentos da escola e, de outro, todas as aprendizagens fora da escola, seja a partir de uma cultura escrita já dominada pelo grupo social, seja por uma conquista individual, que é sempre vivida como um distanciamento frente ao meio familiar e social e, ao mesmo tempo, como uma entrada em um mundo diferente. (CHARTIER, 1998, p. 105)

O que Roger Chartier aponta no excerto acima é o distanciamento que passa a existir entre a criança e a escola. Suas experiências parecem não contempladas nas aprendizagens que a escola propõe. Essas aprendizagens individuais do mundo, essas leituras empreendidas em diferentes âmbitos, ao invés de tornarem a criança mais interessada pela aprendizagem escolar, a afastam desse universo.

No mapeamento realizado a partir dos questionários pude perceber que, diferentemente do que afirmam as professoras e o cânone escolar, os alunos gostam de ler. Porém, como Pennac (2008) afirma, “o verbo ler não suporta o imperativo” (p. 13). Quando a leitura é obrigatória, de algo que pouco interessa e não apresenta sentido a essas crianças-alunos, suas respostas indicam que efetivamente não lêem. Dentre as quarenta e sete crianças pesquisadas, quarenta e seis afirmaram gostar de ler e, aquele que diz não gostar, paradoxalmente não refere que não lê, mas sim que o faz, respondendo inclusive qual livro mais gostou de ler. A tabela abaixo é ilustrativa do que acabo de afirmar.

	Turma 1	Turma 2	Total
Sim	21	25	46
Não	1	0	1

Tabela 2 – Respostas à pergunta “1 - Você gosta de ler?”

Sem descuidar as limitações desses dados e algum grau de incerteza acerca deles, pois como mencionei anteriormente foram colhidos em situação de aula, no ambiente escolar, as crianças em posição de alunos e eu, de professora, mesmo assim as respostas não fugiram das práticas empreendidas pelas crianças. Se fossem efetivamente não leitores, como teriam sido capazes de dizer quais livros mais agradam para leitura? Em especial no caso da Turma 2, constatei que em muitos questionários a resposta para a pergunta 8 – “Qual livro ou revista você está lendo agora?” –, apresentou a sincera resposta de que não estão lendo nada no momento. Dos 47 alunos que responderam ao questionário, somente 6 disseram não estar lendo nenhum livro ou revista no momento, destes, cinco da Turma 2 e apenas um da Turma 1. Assim, é possível inferir que se dizem não estar lendo, não é por efetivamente não estarem lendo nada e, sim, porque se referem a um livro, desmerecendo as revistinhas, gibis, textos virtuais, etc., considerando-se o contexto de um questionário aplicado na escola.

Assim, ousou afirmar que de acordo com os dados empíricos obtidos através dos questionários, as crianças pesquisadas, alunas da quarta série do ensino fundamental de duas escolas da rede pública de Porto Alegre, gostam de ler. A partir daí cumpre indicar especificidades, diferenças e semelhanças quanto ao que lêem, em quais suportes, quais gêneros textuais são mencionados, quais motivações, entre outras respostas.

3.2 O QUE SE LÊ QUANDO NÃO SE ESTÁ NA ESCOLA

No desenvolvimento da pesquisa levo em consideração que diferentes âmbitos de experiência social ou individual produzem diferentes práticas de leitura (VIÑAO FRAGO, 2001). Entendo que o *corpus* de textos oferecidos à leitura no contexto da sala de aula, em geral, é muito limitado em número e variedade, determinado por aquilo que o professor e a escola consideram textos qualificados, muitas vezes apenas ofertando textos ditos pedagógicos (CHARTIER; HÉBRARD, 2003).

Optei, portanto, por questionar e investigar a respeito das leituras empreendidas quando as crianças não estão na escola e que não tem relação com as solicitações escolares. Tal opção amplia, claramente, o *corpus* de textos possíveis de terem sido apropriados pelas crianças, pois o âmbito extra escolar permite o acesso a diversificados textos. Como afirmam Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard (2003) a perspectiva escolar de que a leitura é necessariamente coletiva, onde todos devem ler as mesmas coisas, torna a gama de textos passíveis de leitura, muito restrita. Como alerta Mafra (2003), “[...] a definição do que deve ou não deve ser lido carrega sempre o fardo de, ao legitimar determinados textos, marginalizar outros” (p. 35).

A segunda questão proposta pelo questionário constitui uma daquelas que possibilitam respostas abertas, onde as crianças eram convidadas a escrever aquilo que costumavam ler quando não estavam na escola. Em relação a essa pergunta, obtive respostas variadas em cada uma das turmas, demonstradas na tabela que segue:

Turma 1	Turma 2
Revista – 3	Revista – 5
Gibi – 9	Gibi – 10
Livro – 14	Livros – 17
Texto – 2	Internet – 1
Mangá – 1	
Jornal – 1	

Tabela 3 – Respostas a pergunta “2 – O que você costuma ler quando não está na escola?”

Grande parte das respostas aponta para práticas de leitura pautadas por padrões escolarizados, isto é, poucos indicam como leitura aquilo que não costumam ler na escola. A maioria das crianças apontou a leitura de livros e gibis

como aquilo que costumam ler fora da sala de aula. Até mesmo a criança que disse ler coisas na internet, complementou a resposta acrescentando a leitura de gibis.

Na Turma 1 foi possível constatar que as respostas assinalam uma maior variedade de suportes de leitura, o que não significa que essas crianças empreendam leituras mais ou menos diversificadas em relação às crianças da Turma 2. Mesmo considerando que nenhum aluno da Turma 2 tenha apontado os mangás como leitura fora da escola, apontaram os gibis orientais como aquilo que mais gostam de ler, ou como leituras que estavam fazendo no momento.

Se de uma parte interessam os suportes quando buscamos entender as práticas de leitura das crianças, de outra parte o conteúdo dessas leituras constitui importante aspecto. Alguns suportes, em si mesmos, permitem inferir qual conteúdo encontraremos ao lê-los. Já no caso dos livros, é preciso que sigamos algumas *pistas*, como título, imagem da capa ou até mesmo a leitura da sinopse para nos certificarmos do conteúdo. Isso porque, livro é uma categoria genérica, segundo Chartier (2002), o livro é “[...] ao mesmo tempo um objeto material e uma obra intelectual ou estética” (p. 22), que comporta diferentes textos, conteúdos e gêneros textuais.

Para tanto, na pergunta quatro do questionário as crianças foram convidadas a indicar, objetivamente, qual o tipo/gênero de leitura mais apreciado. No caso de que nenhuma das opções propostas contemplasse suas preferências, parcial ou totalmente, foi oferecida a possibilidade de escolherem a alternativa “outro” e indicarem por escrito qual gênero mais gostavam. A tabulação das respostas para essa questão está expressa na tabela abaixo.

	Turma 1	Turma 2	Total
Romance	1	6	7
Aventura	15	17	32
Suspense	15	6	21
Revista Jovem	4	6	10
Gibi	9	7	16
Outro Qual?	Ação – 1	Vampiro – 2 Terror – 1 Química – 1 Magia – 1 Engraçados – 1 Cavalo – 1	

Tabela 4 – Respostas à pergunta 4 – “E qual tipo de leitura você mais gosta?”

A tabela acima aponta para um interesse expressivo por histórias que envolvam aventura e suspense. Até mesmo entre aqueles que optaram por acrescentar outro tipo de leitura que mais agrada, indicaram os gêneros relacionados aos mesmos mais escolhidos, pois ao registrarem terror e vampiro podemos associá-los ao gênero suspense e ação, ou ainda ao gênero aventura.

Observei em relação a essa pergunta uma diferença marcante nas respostas das crianças das duas turmas, sugerindo algumas especificidades a serem pensadas. Na turma 1 a preferência concentrou-se em aventura e suspense, enquanto na turma 2 houve uma maior concentração das respostas no gênero aventura, constatando um equilíbrio entre os demais. Um indício que pode apontar para o que identifica as diferentes turmas, como diferentes comunidades de leitores? Percebi que apesar das singularidades de cada leitor, gostos pessoais e apropriações individuais, cada leitor encontra-se inscrito em normas e modelos compartilhados com outros sujeitos, identificando-os assim como pertencentes a uma mesma comunidade de leitores (CHARTIER, 1998).

Estes pertencimentos e normas interiorizadas quanto às escolhas das leituras empreendidas podem ser atribuídos a diferentes recortes, seja de grupo social ou relacionados às especificidades da instituição escolar. Entretanto, uma mirada mais ampla sugere considerar todos os sujeitos desta pesquisa como pertencentes a uma mesma comunidade de leitores, considerando suas idades e suas competências de leitura e escrita, correspondentes ao nível escolar em que se situam.

Contudo, quando aprofundamos o entendimento a respeito das práticas de leitura por eles empreendidas, verificamos que cada uma das turmas pode representar uma comunidade de leitura diferenciada, com suas especificidades, por suas convivências, territorialidade, mesmos professores, aprendizagens semelhantes e projetos pedagógicos específicos de formação de leitores como prática da escola.

Finalizando esta seção, apresento duas tabelas que registram os impressos apontados pelas crianças como sendo os preferidos (tabela 5) e em seguida os que são indicados como aqueles que elas afirmaram estar lendo no momento de preenchimento do questionário (tabela 6).

Empreendi uma pesquisa na internet junto a diferentes sites de editoras e livrarias em busca dos nomes dos autores das obras apontadas pelas crianças. Não

consegui localizar alguns, então optei por apresentar ao final desta tabela 5 apenas os títulos indicados pelas crianças nos questionários.

Turma 1 ⁴	Turma 2
<ul style="list-style-type: none"> - Sítio do Pica Pau Amarelo (Monteiro Lobato) - 20000 léguas submarinas (Julio Verne) - Meu pai não mora mais aqui (Caio Riter) - Felpo Filva (Eva Furnari) - A verdadeira história da Chapeuzinho Vermelho (Agnese Baruzzi) - A insônia do Vampiro (Ivan Jaf) - Crônicas de Nárnia (C. S. Lewis) - A verdadeira história dos três porquinhos (Jon Scieszka) - Pequeno Príncipe (A. Saint-Exupery) - A caverna azul (Iria Poças) - Estudio de dança 1 (Aurora Marsotto) - Lua no Brejo (José Elias) - Minha querida assombração (R. Prandi) - 'saga' Harry Potter (J. K. Rowling) - 'saga' Crepúsculo (Stephenie Meyer) ° Gibis Disney (Pateta, Donald, Mickey) ° Turma da Mônica ° Naruto * O Agente * Mister No * O cavalo de pau que ganhou uma guerra * O pirata • Revista Recreio • Revista Capricho 	<ul style="list-style-type: none"> - Química na cabeça (Alfredo Luis Mateus) - Marley e eu (John Grogan) - Harry Potter e as relíquias da morte (J. K. Rowling) - Incríveis Dinossauros (Ciranda Cultural) - Pinóquio (Carlo Collodi) - A bolsa amarela (Ligia Bojunga) - O latido do cão fantasma (R. L. Stine) - Eclipse (Stephenie Meyer) - O manual do bruxo (A. e Elizabeth Kronzek) - Querido diário otário (Jim Benton) - George e o segredo do universo (L. Hawking) - A fada que tinha idéias (Fernanda Almeida) - Raimundo imundo (Allan Macdonald) - Fallen (Lauren Kate) - A agenda de Carol (Ines Stanisiere) - Crepúsculo (Stephenie Meyer) ° Calvin e Haroldo:foi assim que tudo começou (Bill Waterson) ° Naruto * Grécia Antiga * Como desenhar mangá * O livro da Lola • Revista Capricho • Revista Crioulo • Revista Atrevida

Tabela 5 – Respostas a pergunta “7 – Que livros ou revistas você mais gostou de ler?”

O predomínio de obras de literatura de massa e de literatura infanto-juvenil é evidente na tabela. Estes gêneros, em geral, como afirma Núbio Delanne Mafra (2003), representam a iniciação solitária dos jovens leitores no mundo da leitura, muitas vezes são invalidados, negados pela escola como leituras legítimas.

A tabela 6, na sequência e anunciada anteriormente, apresenta o conjunto das respostas obtidas para a pergunta número oito do questionário: “Qual livro ou revista vocês está lendo agora?”. Torna-se importante frisar que apenas duas crianças da Turma 1 e uma criança da Turma 2 indicaram os autores das obras citadas nas respostas às perguntas 7 e 8, a identificação dos demais autores foi feita por mim, em pesquisa a sites de livrarias e editoras na internet.

⁴ Os impressos estão diferenciados por símbolos: (-) livros com autor identificado; (°) gibis e histórias em quadrinhos; (*) livros com autor não identificado e (•) revistas.

Turma 1	Turma 2
<ul style="list-style-type: none"> - A volta ao mundo em 80 dias (Julio Verne) - Meu pai não mora mais aqui (Caio Riter) - Marcelo, marmelo, martelo (Ruth Rocha) - Estúdio de dança 2 (Stephenie Meyer) - Harry Potter e o Cálice de Fogo (J. K. Rowling) - Ou isto ou aquilo (Cecília Meirelles) - História meio ao contrário (A. M. Machado) - Lendas Negras (Julio Emilio Braz) - O terror na escola (Thomas Brezina) - A guerra do chiclete (Miguel S. Neto) - 50 fábulas da China fabulosa (S. Capparelli) - Raimundo cidadão do mundo (Fabio Yabu) - Moby Dick (Herman Melville) - O Agente esse creto na selva (M. Oliver) - A amoreira doida (Lydia Fonseca) * Guerra nas estrelas * Robin Hood * A vó misteriosa * Poesia • Revista Capricho - Nenhum 	<ul style="list-style-type: none"> - O manual do bruxo (A. e E. Kronzek) - Raimundo imundo: Pulgas! (A. Macdonald) - Irreal! (Paul Jenings) - Tudo por um pop star (Talita Rebouças) - Harry Potter e as relíquias da morte (J. K. Rowling) - Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban (J. K. Rowling) - Incríveis dinossauros (Ciranda Cultural) - Crepúsculo (Stephenie Meyer) - Perdida na neve (Ciranda Cultural) - A praia fantasma (R. L. Stine) - Bingo o cãozinho esperançoso (Ciranda Cultural) - O livro perigoso para garotos (C. Iggulden) - Garfield (Jim Davis) • Mangás • Turma da Mônica Jovem • Naruto * Crônicas de Alice * O mundo mágico da magia e ilusionismo • Revista Crioulo - Novembro - Nenhum

Tabela 6 – Respostas a pergunta “8 – Qual livro ou revista vocês está lendo agora?”

Na resposta à pergunta 8 constatei um dado interessante: diversas crianças (uma na turma 1 e cinco na turma 2) afirmaram que no momento em que responderam ao questionário não estavam lendo nenhum livro. Esta informação pode indicar, considerando seus níveis de competência alfabética (CASTILLO GÓMEZ, 2006) e seus repertórios de experiências de leitura, ainda muito iniciais, que as crianças de 4ª série ainda se apresentam como leitores descontínuos e provavelmente lêem aquilo que lhes interessa, no momento em que impressos chegam as suas mãos. Nos dizeres de Chartier,

Todo leitor diante de uma obra a recebe em um momento, uma circunstância, uma forma específica e, mesmo quando não tem consciência disso, o investimento afetivo ou intelectual que ele nela deposita está ligado a este objeto e a esta circunstância. (CHARTIER, 1998, p. 70 e 71)

Além disso, diferentes impressos que não constituem livros propriamente ditos e que são lidos pelas crianças, podem ter sido omitidos por elas em suas respostas, por considerarem que não eram expressivos para serem mencionados em uma pesquisa feita por uma professora na escola.

As respostas aos questionários reafirmam diferentes interesses entre as crianças das diferentes turmas. Enquanto as crianças da Turma 1 optaram, em sua maioria, em indicar a preferência pela literatura infantil e infanto-juvenil, na Turma 2 as indicações se dirigiram para a preferência pelos livros de literatura produzidos para um público jovem, com elementos de uma cultura mais juvenil, nos quais geralmente há um investimento maior da mídia.

Pode-se supor que as crianças, pela pouca idade, lêem aquilo que alcançam, seja por oferta da família, ou de seus parentes, seus pares, colegas, amigos, etc. O universo de escolhas possíveis de serem feitas está, assim, limitado a essas oportunidades. Mesmo que afirmem escolher o que vão ler, dependem daquilo que lhes é possível alcançar. Mesmo pensando neste universo restrito, ainda cumpre interrogar acerca dos fatores que influenciam nas escolhas pelas leituras. Quais os aspectos considerados por esses leitores iniciantes para optarem por um ou outro impresso?

3.3 AS LEITURAS ESCOLHIDAS

As escolhas feitas pelas crianças, em sua maioria, não são casuais. Concordo com Mafra (2003) quando o autor afirma que “ao se aproximar do texto, o leitor já traz sua história de leitura que não pode ser desprezada” (p. 41). As histórias e experiências de leitura influenciam fortemente nas escolhas do que ler, quando ler, de que maneira ler (CASTILLO GÓMEZ, 2006). Assim, precisam ser levadas em conta para compreendermos as práticas de leitura empreendidas pelas crianças deste estudo.

Além das próprias experiências de leitura, se considerarmos que crianças de 4ª série são leitores iniciantes, podemos antever que, muitas vezes, suas escolhas ou experiências levam em consideração as opiniões de leitores mais experientes. Na tentativa de identificar essas influências, muitas delas possibilitadas pelas sociabilidades nas quais estão inscritas, uma das perguntas do questionário interrogava a respeito daqueles que as ajudavam nas escolhas quanto às leituras. A pergunta indagou: “Alguém ajuda você a escolher esses livros ou revistas?”. No caso da criança responder de forma afirmativa, a pergunta era acrescida de “Quem?”.

	Turma 1	Turma 2	Total
Sim	5	2	7
Quem?	Avó, Bibliotecária "Meus pais" Mãe (2)	Tia Amigo	Vó, Bibliotecária "Meus pais" Mãe (2) Tia Amigo
Não	17	23	40

Tabela 7 – Respostas a pergunta: "5 - Alguém ajuda você a escolher esses livros ou revistas?"

Um número significativo de crianças afirmou não receber ajuda para a escolha do que lê, demonstrando uma espécie de emancipação das práticas de leitura (CHARTIER, 1998). As crianças na atualidade possuem uma maior liberdade para ler o que querem. Contudo, é importante lembrar que mesmo assim, essas práticas ainda estão condicionadas às ofertas feitas às crianças. Nem tudo está acessível. A necessidade de compra, empréstimo ou ganho dos livros, revistas e outros materiais impressos, também é uma forma de seleção e controle daquilo que é lido.

As crianças que afirmaram receber ajuda na escolha dos livros, à exceção de uma, apontam pessoas muito próximas (pai, mãe, amigo, tia, avó) como aqueles que ajudam nessas escolhas. A confiança e a relação de referência têm influência significativa no estabelecimento desse círculo de sociabilidades da leitura.

Para além das sociabilidades, também as características do próprio impresso influenciam fortemente as escolhas feitas. Do que está acessível às crianças, o que elas escolhem? Quais parâmetros utilizam na escolha do que lêem? Procurando responder essas perguntas e entender os mecanismos ou mesmo os critérios, mesmo inconscientes, de escolha, no questionário interroguéi as crianças a respeito do que mais chamava atenção quando escolhiam um livro. Na tabela abaixo constam as respostas obtidas.

	Turma 1	Turma 2	Total
Capa	8	6	14
História	14	18	32
Título	14	14	28
Imagens	3	4	7
Outra coisa. O que?	0	Sinopse – 1 Conteúdo – 1	Sinopse – 1 Conteúdo – 1

Tabela 8 – Respostas a pergunta “6 – Quando você escolhe um livro, o que mais chama sua atenção?”

De acordo com Chartier (1992), “[...] os indicadores explícitos pelos quais os textos são designados e classificados criam expectativas de leitura e perspectivas de entendimento” (p. 228). Nesse sentido, entendo que os elementos editoriais que compõem o suporte livro, assim como a atenção e divulgação que determinadas obras recebem do mercado editorial, são fundamentais à compreensão das escolhas feitas pelas crianças. É importante lembrar quando da análise desse aspecto “[...] que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade” (CHARTIER, 1992, p. 220). Assim, atributos da materialidade da obra, especialmente em nosso tempo quando a sofisticação das estratégias de sedução do consumidor promovem pesquisas sobre aceitação, preferências, compatibilidades, apelos, etc, e, portanto, produzem conhecimento sobre o comportamento dos consumidores, precisamos estar atentos ao que nos indicam as crianças que já nesta idade interferem nas escolhas que as famílias fazem de suas práticas de leitura.

O principal elemento apontado pelas crianças como o que lhes chama atenção ao escolherem um livro foi, primeiramente, o enredo de sua história, seguida pelo título. Interessam-se pelos livros cujas histórias e títulos façam sentido para elas, que correspondam as suas expectativas de uma leitura prazerosa e interessante. Há aí um contraponto em relação às expectativas da escola para as leituras dos alunos, havendo uma diferença no entendimento do que constituem bons livros. Segundo Bamberger,

Para os jovens leitores, os bons livros correspondem às suas necessidades internas de modelos e ideais, de amor, segurança e convicção. [...] Para nós são um auxílio na tarefa de atingir nossa meta educacional de desenvolver a personalidade dos jovens e de ajudá-los a estabelecer um conceito global de mundo. (*apud* MAFRA, 2003, p. 52)

Esse pensamento escolar que pedagogiza tudo o que para nós, professores, parece passível de ser instrumento educacional, afasta nossas aulas das crianças. Os interesses delas ao invés de serem valorizados, na maioria das vezes são deixados de lado, ficam guardados na mochila, em nome da dita aprendizagem. Como melhor ensinar alguém, se não partindo daquilo que lhe faz sentido?

4 APROXIMANDO O OLHAR: AS ENTREVISTAS

O ato de ler não se esgota ao final da leitura do livro,[...]. A leitura demora, permanece.
(Eliana Yunes, 2009, p. 56)

Nos tópicos a seguir, busco analisar individualmente as falas de cada criança que foi entrevistada. As entrevistas são apresentadas na ordem em que foram realizadas. Fiz o exercício de aproximar-me das práticas de leitura dessas quatro crianças e a partir de suas falas e esforcei-me em entrever possíveis perfis de leitores.

4.1 “EU JÁ LI TANTOS QUE NEM LEMBRO”

A formulação que intitula o presente trabalho e esta seção foi extraída da fala de E., uma menina de 10 anos, aluna da turma 1. A conversa que tive com E. foi a primeira da pesquisa. Aconteceu na sala ao lado de sua sala de aula, em um clima descontraído e agradável. Foi a mais longa das entrevistas, trazendo elementos muito ricos. E. apresenta-se como uma leitora que narra suas experiências e práticas de leitura estabelecendo relações entre leituras já empreendidas e livros que deseja ler.

A menina é uma leitora assídua de livros de literatura infantil. Afirmou ler mais de um livro por semana, embora ela mesma tenha comparado suas leituras com a de alguns colegas, sugerindo que, ao contrário destes, não considera que leia histórias inteiras. A comparação do objeto livro, de sua materialidade, para E. é emblemática, pois considera que há uma estreita relação entre o número de páginas de um impresso com o atributo da história que ele narra. Um livro “grandão”, para E., possui uma história “mesmo”, inteira, enquanto que um livro “fininho” supostamente uma “meia” história, ou apenas uma parte. Mesmo assim, não deixou de afirmar que lê mais de um livro por semana.

E.: Eu tenho uns colegas meus que pegam uns livros bem grossos, Harry Potter, Nárnia... Que é uma história mesmo. É bem grandão. Esses aí com a história inteira eu nunca peguei. História mesmo, grandona eu nunca peguei. Geralmente eu pego uns fininhos.

Pode-se pensar esta fala a partir do que nos aponta Márcia Abreu (2003) acerca do pensamento de Roger Chartier, especificamente sobre a materialidade dos textos “entendendo que os suportes nos quais eles se fazem ler, ouvir ou ver tomam parte na construção de sentido” (ABREU, 2003, p. 8 e 9). Ao perceber seus livros como menores do que os livros lidos por alguns colegas, para E., a literatura infantil é representada pelos livros “fininhos”. Em outras palavras, E. relaciona diferenças entre livros como impressos com diferenças entre seus textos.

Contudo, mesmo referindo-se às suas leituras “fininhas” desta forma e comparando-as com as dos colegas, “grandonas”, E. demonstrou ser uma leitora muito proficiente. Quando interrogada a respeito das estratégias que utilizava para escolher os livros, respondeu que lia “a sinopse”. Ao pedir que ela descrevesse outras estratégias que utilizava, respondeu sem demora:

E.: Eu leio o título, assim. Às vezes tem um título que diz que ele já é tipo de ação. Tem outros que dizem, tipo esse outro que eu peguei agora pouco, que era tipo assim poesia doce, uma coisa assim, ai já dá pra saber que é de poesia. Pelo título tu já vê do que que é, né?

Acrescentou a essa explicação o exemplo do livro que estava lendo no momento:

E.: [...] o título desse dai - Raimundo, cidadão do mundo - eu achei estranho primeiro. Quando eu vi que rimava eu achei que era poesia. Depois foi que eu vi que era uma coisa sobre viagem, mas tem umas rimas também no livro.

Ainda que muito nova em idade, E., como todos as demais crianças da pesquisa, “já traz sua história de leitura que não pode ser desprezada” (MAFRA, 2003, p.41). E é esta história de leitura que lhe possibilita conhecer um livro e saber que a sinopse é indicativa da história que o livro apresenta. Também é por esta experiência acumulada que ela é capaz de inferir, a partir do título, do que trata um livro. Essas diferentes estratégias vão se desenvolvendo à medida que o sujeito vai conhecendo e adquirindo intimidade com o suporte livro.

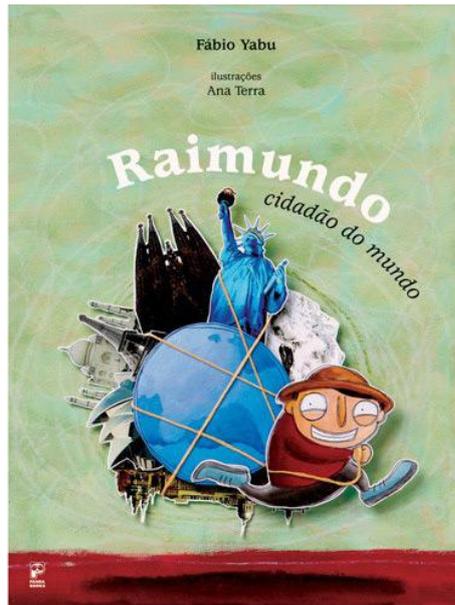


Figura 3 – Capa do livro Raimundo, cidadão do mundo⁵

E. é, claramente, uma leitora de livros de literatura infantil e manifestou em sua fala gostar muito desses livros. Ela narrou sobre um livro que desejava ler, no qual o que lhe chama mais atenção é o suporte que oferece muitos elementos. Além disso, o livro mencionado interessa pelo assunto animais, preferência da menina que comentou o desejo de se tornar veterinária.

E.: Tem um livro que eu quero comprar agora, mas ele tá muito caro. É assim, é como se fosse o corpo é...dos animais... o corpo do cachorro. Ai tá o corpo dele inteiro, dai tu vais abrindo e vai vindo, vai saindo as partes dele assim. Ai tu abres e vais tirando aquelas partes de cima assim, vai aparecendo as de baixo, por baixo assim. Dai aparece tudo assim, aquele livro eu quero comprar eu quero ler. Eu gosto também dessas coisas de como é que é por dentro.

Como exercício de aproximação às práticas de leitura e sem descuidar do lugar fundamental ocupado pelo sujeito leitor, a reflexão sobre as falas de E. possibilitou entrever um perfil de leitora. As práticas leitoras descritas guardam características escolarizadas. E. tem como principal preferência os livros de literatura infantil, dentre estes os que tratam de aventuras e poesias. É uma leitora que possui experiência muito clara de leitura, opera com diversas estratégias desenvolvidas no empreender da leitura de diferentes gêneros literários, como a referência tão expressiva à sinopse.

4.2 “MINHA MÃE LEU E DISSE QUE ERA BOM, DAI EU LI”

⁵ YABU, Fábio. **Raimundo, cidadão do mundo**. São Paulo: Panda Books, 2007.

F. foi a segunda criança entrevistada. É um menino, de 10 anos, também estudante da turma 1. Usa óculos, senta bem à frente da sala de aula e mostra-se constantemente quieto. Quando comentei com a professora da turma que ele seria um dos entrevistados ela demonstrou surpresa e disse acreditar que ele não lia, pois era tão quieto e pouco participativo.

A conversa com ele aconteceu na mesma sala que com E., no entanto em um clima mais reservado, e com respostas bem menos explicativas. Foi preciso um investimento muito grande de minha parte para incitá-lo a falar sobre suas experiências como leitor. O menino tem um gosto por gêneros literários comumente identificados como próprios a sua faixa etária.

F.: Os livros que eu mais gosto são suspense e ação...ah! E aventura também eu gosto bastante.

Apesar do gosto muito semelhante aos seus pares no que se refere ao gênero literário, quando se trata das preferências de livros, ele diferencia-se dos seus colegas. Quando questionado sobre qual livro mais gostou de ler, F. afirmou:

F.: O que eu mais gostei de ler foi Nárnia.

Ao falar do livro preferido ele referiu-se às Crônicas de Nárnia⁶, um livro que pode ser considerado como literatura de massa. Mafra (2003) explica que a literatura de massa é “uma leitura não-oficializada e não-respaldada” (p.2), são aqueles livros que estão nas estantes principais das livrarias e nas propagandas de televisão. Essa literatura é caracterizada como um estilo de iniciação ao mundo da leitura e está muito relacionado aos jovens. Como exemplos clássicos temos as sagas para adolescentes e jovens, como Harry Potter⁷ e Crepúsculo⁸. Livros que comumente transformam-se em filmes e ganham grande respaldo por isso.

⁶ LEWIS, C. S. **As Crônicas de Nárnia**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

⁷ Série de livros da escritora inglesa J. K. Rowling, que acompanha a adolescência e juventude do bruxo Harry Potter e seus amigos, na escola de magia de Hogwarts. (ver: <http://www.harrypotter.rocco.com.br/oslivros.aspx>)

⁸ Série de livros da escritora norte americana Stephenie Meyer, que trata do romance entre um vampiro, Edward, e uma menina comum, Bella. (ver: <http://www.intrinseca.com.br/crepusculo/home/index.php>)

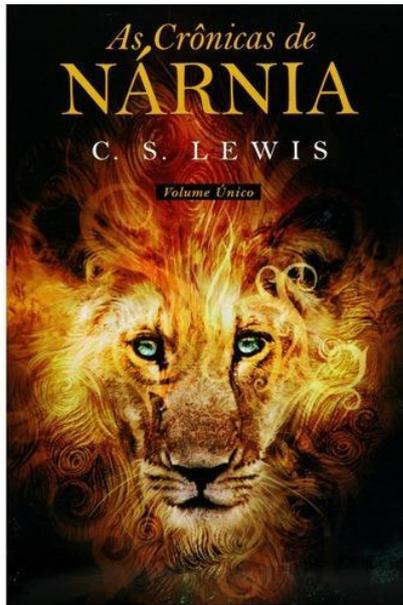


Figura 4 – Capa do livro “A crônicas de Nárnia”

Na intenção de entender o interesse de F. por livros como Crônicas de Nárnia e a própria série Harry Potter, que ele disse estar lendo no momento, questionei primeiramente sobre quais estratégias ele utilizava para escolher os livros que iria ler.

F.: Eu escolho pela capa e às vezes eu olho dentro. Dai eu abro e leio uma partezinha.

Podemos inferir que esta “partezinha” seja a sinopse, ou realmente um trecho do livro onde F. busca algum elemento que possa interessar. Logo em seguida, perguntei se alguém o ajudava nessas escolhas e ele revelou:

F.: Por exemplo, Nárnia minha mãe leu e disse que era bom e dai eu li também.
 P.: E ela te ajuda sempre?
 F.: Sim, ela e o meu pai. Eles lêem bastante e dai dizem qual que eles gostaram pra eu ler também.

Essa ajuda recebida demonstra outro perfil de leitor, que não descobre por si os livros, mas é levado às leituras por um leitor maduro. Esse leitor maduro, no caso a mãe ou o pai, que exerce uma função de mediação entre a criança e a leitura, é muitas vezes negligenciada pela escola. Nesse ofertar de determinados livros, há também um desejo de que a criança encontre prazer na prática da leitura (PENNAC, 2008).

F. é um leitor interessado por livros que possam lhe trazer coisas novas. Um leitor em formação, que recebe grande influência da mediação de seus pais, como leitores mais maduros, que, provavelmente, querem ver o filho desejoso por ler. Não se interessa pelos livros da escola, pois diz que são “fininhos e quase não tem coisas para ler”. Sua manifestação vem ao encontro do que refere Núbio Mafrá, ao dizer que “a escola tem sido o último referencial de leitura” para essas crianças (2003, p.7).

4.3 “ÀS VEZES GOSTO DE LER LIVROS, MAS EU PREFIRO REVISTAS”

A menina C. tem 10 anos e é aluna da turma 2. A entrevista foi realizada na biblioteca da escola onde estuda, um espaço interessante se levarmos em conta o assunto que pautou a conversa. Ela se diferencia das demais crianças da pesquisa pelo suporte no qual realiza suas leituras, ela diz preferir as revistas. Logo no início da entrevista demonstrou seu interesse pelas revistas e uma possível influência familiar.

P.: O que tem na tua casa que dá para ler?

C.: Livro, tem revistas... muitas revistas! ãã, tem trabalho que às vezes eu faço na escola e levo pra casa, dá pra ler. E... eu acho que só!

Dois aspectos chamam a atenção em sua resposta. Possivelmente, alguém na família da menina também lê muitas revistas, o que fez com que ela enfatizasse a presença de muitas revistas em sua casa. Outro elemento interessante na colocação de C. é a relação que ela demonstra fazer entre as coisas que podemos ler e as coisas que são lidas na escola. Na maioria das vezes, as crianças não lêem os trabalhos que fazem na escola depois de os levarem para casa, mesmo assim ela considerou-os como um suporte possível de ser lido em sua casa. Em contraposição possivelmente há outros suportes que C. lê, embora não os tenha citado, como bilhetes, tela do computador, gibis, etc...

A escolha das revistas que C. lê não é aleatória, ela disse ter uma que sempre compra para ler.

C.: Sabe a... revista sobre...Sabe a revista Ciência Hoje? Eu gosto de ler essa.

Ela refere a revista *Ciência Hoje das Crianças*, publicada mensalmente pelo Instituto *Ciência Hoje*⁹, voltada para o público infanto-juvenil. Uma revista que apresenta diferentes conteúdos escolares, pesquisas científicas, reportagens sobre história e brincadeiras. Um suporte com conteúdo escolarizado, mas em um formato colorido, com muitas imagens e com linguagem acessível às crianças.

C.: Eu gosto de ler livros de suspense, adoro livros de suspense. [...] O que eu mais gostei de ler eu peguei aqui da biblioteca. Ai, como é o nome dele? [silêncio] *A Creche Mal-Assombrada!*

C. também lê alguns livros e tem suas preferências, muito semelhantes às preferências dos colegas. Como a maioria das crianças das duas turmas em que o questionário foi aplicado, ela também tem entre suas preferências os livros de suspense. Outros livros despertam o interesse da menina, que mencionou um livro que gostaria de ler, justificando:

C.: Eu queria ler o *Marley e eu*, que a professora disse... eu já vi o filme, mas ela me disse que o livro, ele conta mais coisas sobre o filme. Tanto é que ela disse que no filme fala que o cachorro é um cachorro mau e no livro não. Dai eu fiquei curiosa para ler.

Uma mediação, mesmo que pontual e, talvez, sem intenção da professora, fez com que a menina se interesse pelo livro. Também há influência de outras formas de apresentação da história, como o cinema.

⁹ É uma organização sem fins lucrativos, vinculada à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. (Ver: <http://www.sbpcnet.org.br/site/publicacoes/mostra.php?id=571&secao=365>)

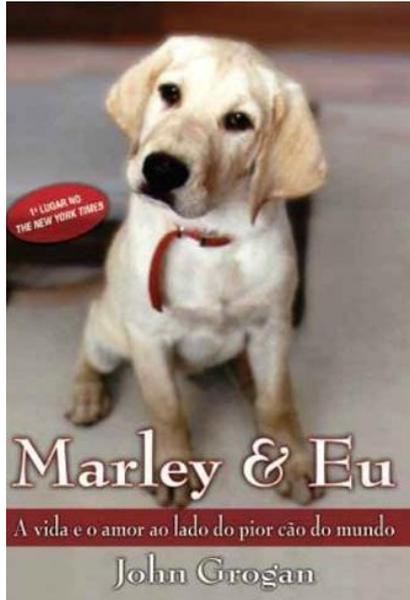


Figura 5 – Capa do livro “Marley e eu”

As práticas de leitura de C. são as que mais se diferenciam dos demais. Ela, apesar de ler livros e gostar do mesmo gênero que os demais, manifestou a preferência por revistas. Estas se apresentam em um suporte diferenciado, suas páginas mais lisas e coloridas, os textos na maioria das vezes relacionados a um assunto específico e não narrando história, as abundantes imagens e fotos. As revistas caracterizam-se não como narrativas, mas como leituras de informação.

4.4 “EU ESTOU LENDO UM, ELE ESTÁ NA MINHA MOCHILA.”

Logo na primeira resposta de sua entrevista o menino R., de 10 anos e aluno da turma 2, me surpreendeu. Foi na mesma biblioteca onde realizei a entrevista com C. que conversamos. Ao interrogar o menino sobre as coisas que ele tinha em casa que poderiam ser lidas, ele respondeu:

R.: Eu mexo muito na internet, leio coisas na internet e eu tenho muitos livros em casa. Muitos livros que eu li e muitos livros que eu não li ainda, mas vou ler.

Apesar de ter conhecimento do fato de todas as crianças entrevistadas terem acesso à internet, apenas R. citou a internet como um suporte possível para a leitura. Quanto aos muitos livros que disse ter em casa, demonstrou desejo de lê-los.

Atribuo isso ao fato de mencionar um incentivo familiar como decorrência de sua percepção dos pais como leitores assíduos.

Pelo ineditismo da fala sobre a internet, resolvi questionar que tipos de leitura ele costumava fazer na internet e ele respondeu:

R.: Ah, tipo assim, se eu to interessado, eu vejo um livro numa... tipo, vou numa loja de livro. Tipo, vou ali na Saraiva compro um livro e fiquei interessado num outro livro, mas eu não li ele ainda. Eu vou na internet, procuro o nome do livro e sempre tem uma sinopse assim do livro ai eu leio para ver se o livro é legal. Depois eu compro ou não.

O menino relacionou diretamente a leitura com livro, pois mesmo quando afirmou ler na internet, ao exemplificar, trouxe o livro como motivador dessa leitura. Acredito, assim, que o livro ainda é reconhecido como suporte privilegiado para os textos, como sugere Larissa Carvalho: “Na era dos e-books e dos textos virtuais, o livro divide espaço com a tela do computador e parece que não irá perder seu status de suporte privilegiado de textos, ao menos na próxima geração” (2007, p.106).

Portanto, a internet não é para R., ao menos em sua fala na entrevista, reconhecida como um suporte para a leitura dos textos. Ele disse utilizar-se da leitura na internet como estratégia de escolha dos livros que poderia comprar para ler futuramente. Outras estratégias que mencionou estão relacionadas às séries de livros de um mesmo personagem principal, citando o exemplo do livro que estava lendo no momento da entrevista, um do *Zac Power*¹⁰.

R.: Escolho por... tipo, primeiro eu li um *Zac Power*, se tiver outro do *Zac Power*, eu vou lendo assim. E se não, eu dou uma mudada assim, de aventura vou para o suspense direto, assim.

O universo de livros que R. lê, como dos outros entrevistados, está principalmente relacionado aos livros de suspense e aventura. No entanto, não são só estes livros que são apropriados pelas crianças. R. também falou sobre outros livros que leu e sobre o livro que mais gostou de ler.

¹⁰ Personagem que dá nome a série do autor australiano H. I. Larry. É um adolescente agente secreto que executa missões para uma agência do governo. (ver: <http://blog.editorafundamento.com.br/category/zac-power/>)

R.: O livro que eu mais gostei foi Calvin e Haroldo, é de quadrinhos.

P.: E o que conta neste livro?

R.: Bom, é um menino e na imaginação dele ele tem um boneco de pelúcia e na imaginação dele aquele boneco é amigo dele, é de verdade. Só que daí, quando os pais chegam, eles vêem um boneco, mas ele vê aquele boneco como um amigo. Ai eles fazem aventuras, brincadeiras, ele vai para a escola com ele, só que ninguém sabe. Só ele vê que é um amigo. E também foi o primeiro livro que eu gostei, assim, bastante.

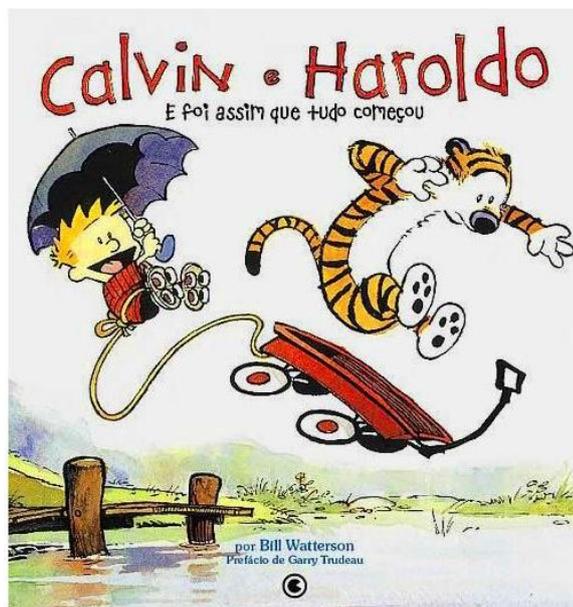


Figura 6 – Capa do livro “Calvin e Haroldo: e foi assim que tudo começou”

Surgiu nesta fala um novo formato de texto, inscrito no mesmo suporte livro. A história a que o menino se referiu é *Calvin e Haroldo: e foi assim que tudo começou*¹¹, que conta o início da amizade entre o menino e o boneco de pelúcia, como conta-nos R. No final de sua fala ele disse ter sido este o primeiro livro que leu e gostou “bastante”. Gostaria de lembrar Roger Chartier, quando afirma que

Todo leitor diante de uma obra a recebe em um momento, uma circunstância, uma forma específica e, mesmo quando não tem consciência disso, o investimento afetivo ou intelectual que ele nela deposita está ligado a este objeto e a esta circunstância. (1998, p. 71 e 72)

Provavelmente, ao ler esta obra, o menino fez um investimento afetivo e intelectual diferenciado e muitos são os motivos possíveis de inferir. Por apresentar uma história que, além de estar relacionada a seus interesses, apresentava uma forma textual diferente daquela a qual ele estava habituado, a história em

¹¹ WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo: e foi assim que tudo começou**. São Paulo: Conrad, 2007.

quadrinhos, assim como seu assunto, são próximos ao universo infantil, com uma estrutura que não preenche em abundância as páginas, não inibindo o leitor iniciante com um extenso texto.

Por fim, em uma fala muito relevante no âmbito da contraposição entre leitura e escola, o menino tentou demonstrar o quanto, para ele, essas leituras têm valor.

R.: Eu tô lendo um, ele tá na minha mochila. Eu sempre leio quando dá um tempinho. Quando eu termino uma atividade e os outros não terminam, tem um tempo livre, eu pego o livro e leio [referindo-se à sala de aula].

Parafraseando Mafra (2003) penso que esse leitor iniciante se constitui entre a escola e a literatura, e dependendo dos processos de inserção que viverá, se constituirá de determinadas formas. Percebe-se com a fala de R. que a escola não é sua referência de leitura, pois as leituras que faz são como intrusas entre uma atividade e outra. Intrusas que fazem sentido na tessitura das aprendizagens que ele estabelece em sala de aula. Esses livros, que andam na mochila, ocupam as brechas que o tempo da sala de aula possibilita, não sendo parte, nem sendo consideradas pelos programas escolares. Ficam, portanto, entre a sala de aula e o leitor que se tece.

5 ALINHAVOS: PARA SEGUIR PENSANDO...

*É preciso ler, é preciso ler...
E se, em vez de exigir a leitura o professor
decidissem de repente partilhar sua própria
felicidade de ler? (PENNAC, 2008, p 73)*

No decorrer desse caminho de pesquisa, leituras e escritas, busquei aproximar-me das práticas de leitura que integram a vida cotidiana de crianças de 9 a 11 anos, que frequentam a quarta série do Ensino Fundamental em Porto Alegre. Tive o objetivo de conhecer e compreender suas experiências de leitura, e ouvir o que as crianças têm a dizer sobre elas em relação a: motivações, conteúdos, gêneros, suportes e possíveis apropriações.

As respostas aos 47 questionários colhidos e nas quatro entrevistas realizadas possibilitaram essa aproximação à leitura das crianças de duas turmas de quarta série da rede pública de ensino de Porto Alegre, leituras que não estão ligadas às tarefas e solicitações escolares. A produção dos dados empíricos – questionários e entrevistas – decorreu dos estudos bibliográficos sobre o tema e do desejo de escutar, de saber, pelas escritas e de viva voz, o que lêem essas crianças no cotidiano.

Pude perceber, que diferentemente do que os discursos do senso comum afirmam, as crianças pesquisadas empreendem variadas leituras que, muitas vezes, não são legitimadas como leituras qualificadas pela escola, nem pelas próprias crianças. Atribuo o fato desse não reconhecimento das leituras pelas próprias crianças ao que Bourdieu (2001) chama de “efeito de legitimidade”, pois quando perguntei a elas o que liam, certamente antes de responder pensaram, dentre aquilo que liam, o que verdadeiramente poderia ser considerado leitura, ou merecia ser dito em uma entrevista.

Quanto aos textos escolares, as crianças que participaram da pesquisa apresentam dificuldade em identificar-se com tais textos, pois em geral não estão em sintonia com seu universo de interesse. Segundo Eliana Yunes (2009) o texto escolar já não propicia o prazer como outras leituras, pois as escolariza e relaciona com longas fichas de leitura e perguntas de interpretação. A autora entende que “o corte abrupto desse gozo da palavra no contexto escolar com certeza desencanta a

relação com a escrita e fragiliza a prática de ler outras linguagens, ainda menos percebidas como textuais.” (YUNES, 2009, p. 73).

O mundo de vida das crianças, suas redes de sociabilidade, as práticas socioculturais que empreendem no cotidiano constituem espaços por excelência de imersão no mundo contemporâneo da cultura escrita onde o domínio da leitura é imperativo. Às crianças são oferecidos muitos textos a ver ler, a escutar, enfim, a ler. Em certa medida, seus itinerários como sujeitos leitores não estão subsumidos nem pela escolarização da leitura proporcionada pela educação escolar, nem pelas mediações de editoras, mercado livreiro, meios de comunicação em geral, que visam circunscrever os modos de ler, os gêneros e os conteúdos transmitidos. Em um rico universo de possibilidades e apelos, as crianças escutadas indicaram que lêem, escolhem textos a ler dentre uma oferta generosa, apreciam determinados gêneros assim como desgostam de outros, o que não significa que não estejam envolvidas com o ato de ler.

Por fim, percebi que a escola não realiza ou realiza eventualmente alguma mediação entre as crianças e suas práticas de leitura não-escolares. Talvez esteja nessa mediação possível e não executada, nessa legitimação daquilo que é próprio do interesse dessas crianças que se acham na condição de nossos alunos, o grande desafio das professoras e professores para uma efetiva formação de leitores.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. História dos textos, história dos livros e história das práticas culturais – ou, uma outra revolução da leitura. IN: CHARTIER, Roger. **Formas e sentidos**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

CARVALHO, Larissa Camacho. **Jovens leitores d'O Senhor dos Anéis**. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CASTILLO GOMÉZ, Antonio. **Entre la pluma y la pared**: Una historia social de la escritura en Siglos de Oro. Madrid: Akal, 2006.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. Alfabetismo y escolarización desde el punto de vista de un historiador cultural. IN: **Hitoria cultural y educación**: Ensayos críticos sobre conocimiento y escolarización. Barcelona: Ediciones Pomares, 2003. p. 269-296

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: prática cultural. IN: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas de Leitura**. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo : Editora UNESP, 2004.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **As aventuras do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

_____. Textos, Impressão, Leituras. IN: HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MAFRA, Núbio Delanne. **Leituras à revelia da escola**. Londrina: Editora Eduel, 2003.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SILVA, Fernanda Lanhi da. **Juvenilização da cultura e escola**: um estudo sobre alunos de quarta série. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

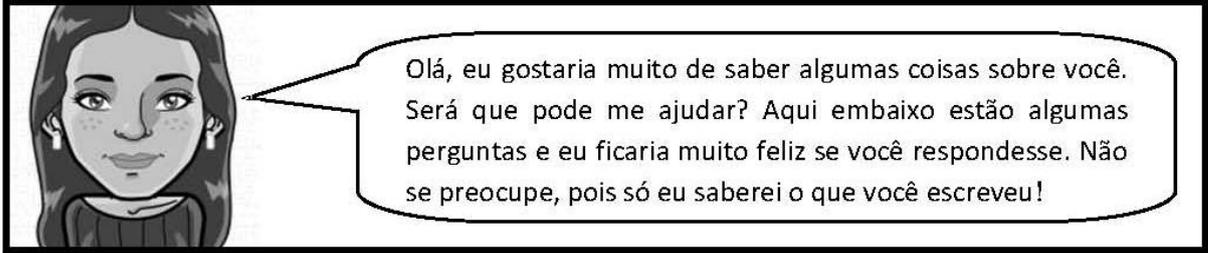
STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. **Educar a escrita**: os sentidos da caligrafia na história da educação no Brasil (séculos XIX e XX). Projeto de Pesquisa CNPq e FAPERGS, 2008.

VINÃO FRAGO, Antonio. Del periódico a internet. Leer y escribir en los siglos XIX y XX. IN: CASTILLO GOMES, Antonio (coord.). **Historia de la cultura escrita**. Gijón: Trea, 2001

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexão com base na experiência prática de pesquisa. IN: CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T.; ZAGO, N. (orgs.). **Itinerários de Pesquisa**: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 287-309

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymar, 2009.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO



Nome: _____ Idade: _____

1. Você gosta de ler?

- () SIM
() NÃO

2. O que você costuma ler quando não está na escola?

3. Você gosta de ler livros ou revistas?

- () SIM
() NÃO

4. E qual tipo de leitura você mais gosta?

- () Romance
() Aventura
() Suspense
() Revista Jovem
() Gibi
() Outro - Qual? _____

5. Alguém ajuda você a escolher esses livros ou revistas?

- () SIM - Quem? _____

- () NÃO

6. Quando você escolhe um livro, o que mais chama a sua atenção?

- () A capa
() A história
() O título
() Ter muitas imagens
() Outra coisa. O que? _____

7. Qual o livro ou a revista que você mais gostou de ler?

8. Qual livro ou revista você está lendo agora?

Obrigada pela colaboração. Ela será muito importante para mim.

Profª Patrícia

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso: PRÁTICAS DE LEITURA NÃO-ESCOLARES Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A presente pesquisa está vinculada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é produzida para fins de Trabalho de Conclusão de Curso e tem o objetivo de compreender a relação de crianças concluintes das séries iniciais do Ensino Fundamental com a leitura.

Para isso, será realizado, no ambiente escolar, um levantamento de dados através de questionário a ser respondido pelos alunos sobre seus interesses de leitura. Também serão realizadas entrevistas com as crianças cujas famílias autorizarem a participação neste estudo.

Seu filho ou filha está convidado/a a participar deste estudo. Assim, sua autorização é solicitada para que a pesquisadora responsável pela investigação Patrícia Machado Vieira, aluna do Curso de Pedagogia, possa realizar este trabalho. Os dados e resultados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionado o nome do/a participante em apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, sendo, assim, garantida a privacidade e a confidencialidade das informações.

Eu, _____ responsável por _____, fui informado sobre os objetivos da pesquisa acima descrita e concordo que meu filho/a participe da mesma.

Caso tiver novas perguntas sobre este estudo, posso entrar em contato com a pesquisadora Patrícia Machado Vieira através do telefone 9999-1868 ou com sua orientadora Prof^a. Dr^a. Maria Stephanou, na Faculdade de Educação da UFRGS, pelo telefone 3308-4143.

Assinatura do Responsável

Assinatura da Pesquisadora
Patrícia Machado Vieira

Assinatura da Professora Orientadora
Maria Stephanou

Porto Alegre, ____/____/____